

AS ARTES ENTRE AS LETRAS

Directora: Nassaleté Miranda / 27 ABR 22 / N.º 313 / Preço: 2 euros / Quinzenalmente às quartas

Publicação de interesse Cultural e Literário reconhecida
pelo Governo Português

Sentir a Arte Bruta // ARTE PÁG. 14



**O CENTRO DE ARTE
OLIVA EM VIENA!
MUSEU GUGGING**



Joaquim Pinto da Silva
agente cultural

Em Viena, a valsa foi outra com a Coleção Treger/Saint Silvestre

*Para o Christian Berst,
mestre e amigo,
a quem estas notas devem*

1. Viena, que dedica um inteiro museu à Arte Bruta, o Gugging, recebeu a coleção Treger/Saint Silvestre. Para a abertura, no último dia 6 de Abril, a cidade engalanou-se, exibindo cartazes alusivos por todo o lado e levando conhecedores e amadores ao museu, em claro sucesso para a Coleção, para o Centro de Arte Oliva, que a hospeda, e para a cidade de S. João da Madeira.

2. Com curadoria do Professor Johann Feilacher – que luminosa intervenção! – a exposição comporta à volta de 150 obras, de mais de 80 artistas, e como não podia deixar de ser, diversa em temáticas, modos, géneros e origens sociais e geográficas.

Dexter Nyamainasche, do Zimbabué, teve uma das suas peças (“Aldeia Unida Global”) exibida na sala da conferência inaugural. Uma “máquina” gigante construída por elementos que se movem autonomamente e que evocam diversos países sob uma bandeira “Together as one” (Unidos/juntos como Um).

Deu assim o mote a um desfile impossível de descrever no seu todo, mas em que destaque dois, sem critério hierárquico algum, apenas por contenção:

O suíço Wölfli (1864), do qual André Breton disse que foi vital para a arte do século XX. Wölfli, doente mental, preso, filho de pai alcoólico, foi internado, o que levou Walter Morgenthaler, psiquiatra da instituição, a interessar-se pelo seu trabalho e a dedicar-lhe, em 1921, a obra “Ein Geisteskranker als Künstler” (“Um doente mental enquanto artista”), que levou muitos artistas e colecionadores a interessar-se pela sua vida e obra;

Com 11 irmãos, Mose Tolliver (Alabama), outro com obra presente, vivia da agricultura até que um bloco de mármore lhe caiu em cima das pernas e o paralisa. Aos 50 anos, começa a pintar: formas singelas retratando o mundo que o rodeia: animais, legumes, pessoas. É dele o motivo para o cartaz da exposição, num modelo de figuras estilizadas, que envolvia em falsas molduras desenhadas.

3. Não me parece já necessário evocar o assen-

Henry Darger, EUA, 1892-1973.



to teórico geral daquilo a que se chama Arte Bruta. No entanto, lembro que, para o criador da definição, Jean Dubuffet, esta pretendia acentuar o seu carácter nativo e precioso, em consonância com mundos a descobrir e raridades a valorizar.

Christian Berst, que comissariou uma outra exposição desta coleção e que fez uma conferência sobre o tema na Cooperativa Árvore, em 2016, realça o critério da atemporalidade da Arte Bruta, afinal aplicado a toda a válida Arte, ou seja, recusa o efeito moda, “invenção de iluminados” que pereceria com o tempo. “In fine” – palavras suas, a Arte Bruta aponta para o inclassificável, o incomensurável, o imponderável. Tudo o que ao mesmo tempo designa o impensado e o impensável: o que vai além da razão.

“Dá se uma interrogação aos limites do género, da sua porosidade na relação com as outras formas de arte”, como disse Stéphanie Estournet, no “Libération”, de 8 de Agosto de 2018, em duas páginas sábias e bem cheias, dedicadas à Coleção TSS.

Berst considera ainda que a Arte Bruta é um vector decisivo para pensar a arte para além das categorias atribuídas pelas épocas das culturas e dos seus aspectos formais. Alerta também para a acentuação exagerada na autodidaxia na Arte Bruta, pois pode esconder a permanência de um pensamento de tipo colonial, mais ainda, para uma catalogação de tipo “infantil” e de “inculto”.

Nas suas certezas (“certitude-servitude”) o pensamento crítico, não atento às virtualidades renovadoras, revolucionárias mesmo, da Arte Bruta, pois a sua vera marginalidade, não consciente, diga-se, é a do “eu” perante ele mesmo,

em solidão... eremitas permanentes em relação a uma sociedade que os desconhece e da qual estão voluntariamente separados, dizia eu que o “establishment”, até por ignorância (mais dogmatismo e a sua gémea, a arrogância), não considera seus “iguais” quem não procure a (legítima) afirmação artística e social e a componente comercial da arte em geral.

Não se conhece semelhante empresa de revitalização do debate sobre arte desde a revolução de Marcel Duchamps, segundo Christian Berst, e é isso que temos procurado fazer valer. E António Saint Silvestre remata: “Fruto do desenvolvimento das angústias simples, da loucura, da solidão ou de outros estados de alma indefinidos... (os da Arte Bruta) cristalizam as pulsões inconscientes dos seus seres sensíveis... segregam as suas criações, como a ostra a sua pérola, em obras-primas da história da humanidade e da história da arte, para se salvarem, para se curarem ou simplesmente para sobreviverem”.

E nós somos os beneficiários!

**Treger/Saint Silvestre Collection
Sediada no Centro de Arte Oliva
/S. João da Madeira**

Exposição no Museum Gugging
Am Campus 2, 3400 Klosterneuburg,
Áustria (a 20 km de Viena)
aberta até 11/09/2022 de terça a do-
mingo das 10 às 17 horas